

23  
201-129  
11 N5  
Comp. de São João. Lisboa  
16

# SERMAO

DA  
SANTISSIMA TRINDADE  
QUE  
NA IGREJA DO HOSPITAL REAL  
de Lisboa.  
PREGOU

O DOUTOR SEBASTIAO  
de Mattos de Souza.

NA FESTA DA IRMANDADE DOS  
*Clerigos pobres da Charidade.*

EM 11. DE JUNHO DE 1691.

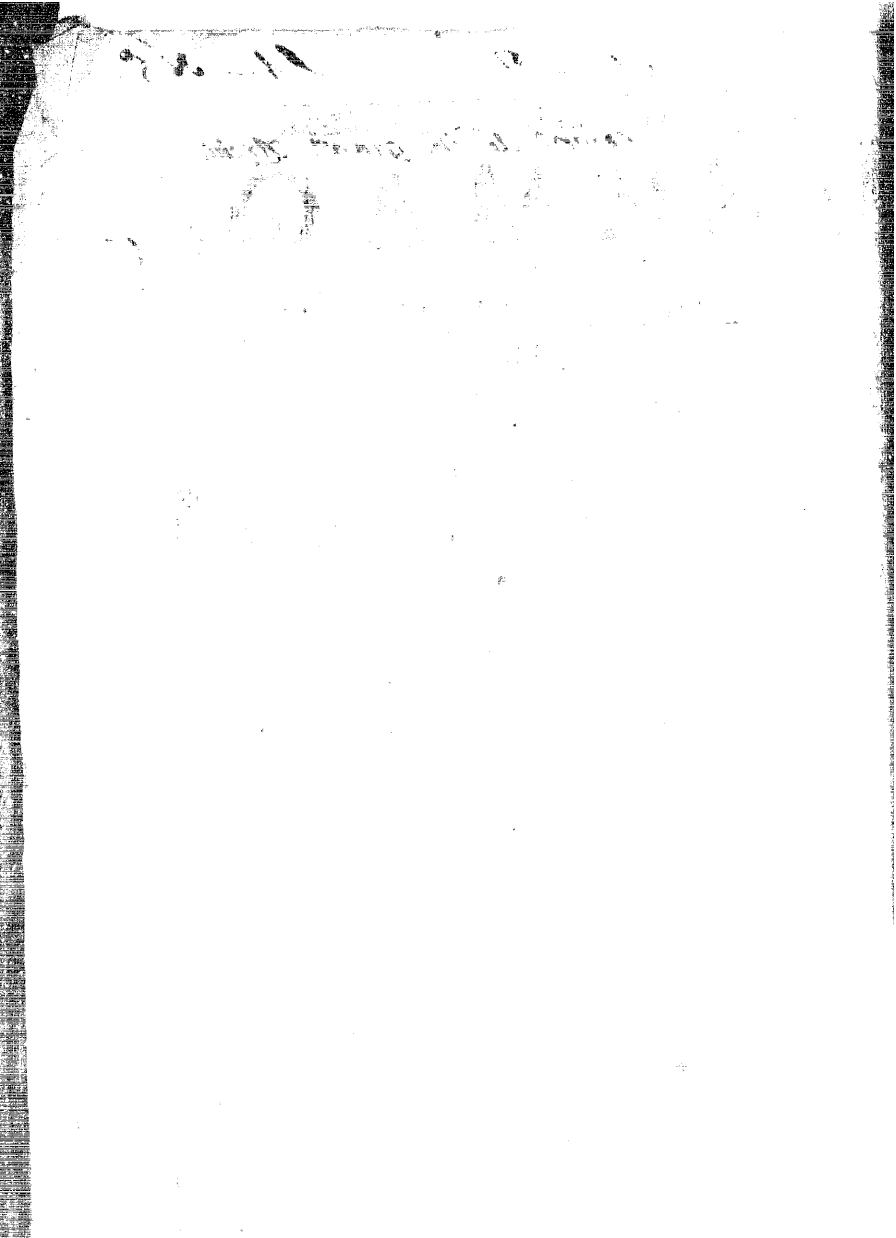
DEDICADO.

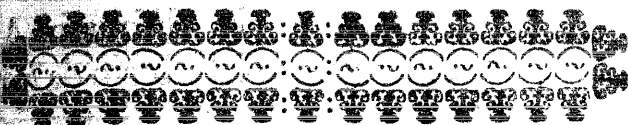
AO ILLUSTRISSIMO, E REVFREN-  
*dissimo* Senhor Dom Ioaõ Mascari  
legre, do Conselho de Sua M  
mulher da C  
Bispo de Portu-  
, e seu Su-



EM LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCALA, Impretor do Santo  
Officio. Anno M. DC. XCII





ILLUSTRISSIMO, E  
 REVERENDISSIMO  
 SENHOR.



ESTE papel que, pelos seus defeytos, poderia parecer ditozo em que V. S. o não ouvisse quando o recitey, busca na attenção de V. S. a censura de que devia recearse. Pòde mais a forçoza obrigação com que a ley doaggradecimento me té dedicado ao obzequio de V. S. do que o justo temor que devia ter da sua judicioza adyvertencia. Razaõ era que depois da continua experiencia que eu tenho da honra que V. S. me faz, prevalecesse o obzequio ao receyo. Facilitame tambem para esta ouzadia aproporcionada combinação que tem com V. S. a materia.

& a circunſtancia deſte diſcurſo. A  
materia he o mais alto Myſterio da *Fee*  
a cuja pureza ſacrificou V. S. tantos  
annos o ſeu trabalho, & a ſua vigilan-  
cia no Tribunal do S. Officio. A cir-  
cunſtancia he a mayor de todas as vir-  
tudes, a *Charidade*, que V. S. tão exem-  
plarmente exercita em quáto Biſpo:  
fazendo a cômizeraçãõ que té da po-  
breza, que V. S. ſeja verdadeyraméte  
Clerigo pobre da *Charidade*: ſe bê a meſ-  
ma *Charidade* q̃ o empobrece, lhe a the-  
zoura as mayores riquezas. A uniaõ  
deſtes dous pôtos foy toda a difficul-  
dade do diſcurſo; & eſſa meſma uniãc  
he todo o pôto, & toda a difficuldade  
de hum Biſpo em qué a *Charidade* que  
exercita he hũa prova da *Fee* que enſi-  
na. Com eſtas deſculpãõs me atrevo a  
por nas mãos de V. S. eſta limitada of-  
ferta, & nella hum teſtemunho pu-  
blico da minha obrigaçãõ, & o reco-  
nhe-



IHS

DOCETE OMNES GENTES BAPTISANTES

in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti.

Matth. 28. vers. 19.

§. I.

**A**O mais sublime, & incomprehenfivel Myfterio da Religião Catholica, com reverente culto, & profunda adoração, se redem hoje cativos o entendimento, & a vōtade nas arás da *Fee* pela mayor de todas as virtudes a *Charidade: Mayor autem horum est charitas.*

1. Cor. 13.3.

Qualquer attributo Divino, ou Deos considerado de qualquer modo, excede infinitamente à capacidade do entendimento humano, & ainda do Angelico mais perseyto. Porque como do infinito qualquer parte he infinita, & daquillo que sobre infinito he simplicissimo, qualquer parte he o mesmo todo, certo he que fica muito além da sphaera de todo o entendimento creado, superior inconparavelmente a toda a razão, & inacessivel a tudo o que não for o mesmo Deos. Por isso S. Paulo disse que Deos tinha a sua habitação em hũa luz inacessivel. *Qui lucem inhabitat*

1. Tim. 6.  
2. 16.

A

inaccess-

*inaccessibilem*: porque não só he inacessível o mesmo Deos, mas também aquella luz immensa que lhe serve de throno, de morada, & de habitação, não a pôde divizar, nem lhe pôde dar alcance a curta, & limitada capacidade das creaturas.

Com tudo ainda que seja tanto sobre a nossa sphera tudo o que pertence à Divindade, muitos mysterios della vieraõ à noticia, & conhecimêto do lume natural do entendimêto, & da razão. Que haja Deos, & que seja hum só, se preza de o demonstrar com evidencia a Phylosophia. Que Deos seja a primeyra cauza de todas as couzas, & só elle não tenha cauza: que seja todo poderoso para dar ser a tudo; que seja sapientissimo para conhecer tudo: que seja summamente bom, pois communica tudo o que tem de bondade; grandes, & altissimos pontos são da Divindade, mas também se achou a noticia delles pelo lume da razão ainda nos Phylosophos gentios. Que Deos era incomprehenível, que era ineffavel, que d'elle o mayor, & mais respeytozo encomio era o silencio, também são affirmações que achão testemunho na gentiidade.

Porém que Deos, sendo hum só, seja juntamente *Trino*, que a natureza, & substancia de Deos seja hũa unica simplicissima, & que conserve esta mesma unidade com a divizaõ de tres Pessos: que hum Deos seja tres Pessoas, & que tres Pessos seja hum Deos: que a unidade não implique com o numero, & que o numero

numero não,acrescente a unidade : isto nem veyo ao pensamento ao mais perspicaz discurso , nem o foy a mais remontrada Phylosophia , nem se alcançou na mesma ley escrita (fallo geralmente) & só se declarou na ley da Graça pelo mesmo Author della o Verbo Eterno encarnado, que como Unigenito que está no ceyo do *Pay*, Imagé perfeitissima de sua substancia,& resplandor da luz Eterna nos communicou esta intima,& inescutavel noticia , escondida a nossos entendimentos ; porém infallivel à nossa *Fee* para acreditarmos,& à *Charidade* para a amarmos.

Aquillo que Deos escondeo aos entendimentos, & à razão,descobrio à *Fee*, & à *Charidade*. Nos outros objectos amamos o que conhecemos,o que vemos,sabemos,mas já o não cremos: nos Mysterios Divinos, & principalmente no Mysterio incomprehensivel da Santissima *Trindade*,succede, & he razão que succeda pelo contrario: cremos para entender , amamos para alcançar;& reciprocamente cremos, porque amamos, & amamos, porque cremos. Admiravelmente o disse S. Anselmo. *Non tento penetrare altitudinem tuam, quia nullaetenus comparo illi intellectu meum: sed desidero aliqua tenus intelligere veritatem tuam quam credi, sed amat cor meum.* Não intento Senhor (diz o Santo) penetrar a altura do vosso ser incomprehensivel ; porque eu não tenho tal ouzadia,que compare com ella o meu limitado entendimento: porém sómente pertendo, & desejo perceber a vossa verdade, porque o meu coração

Quoniam dicitur  
 quod est lex  
 servorum  
 veteris, non  
 naturam se  
 esse Deum  
 manifestam  
 de suam  
 dicitur est lex  
 huiusmodi  
 tunc se Tri-  
 unitatis  
 est enim esse  
 deus in  
 sua  
 dicitur.  
 Sap. 7. 26.  
 Heb. 1. 3.

O Spiritus  
 sanctus  
 in  
 2.º  
 7.  
 2.º  
 7.  
 2.º  
 7.  
 2.º  
 7.

Sanctus  
 in  
 2.º  
 7.

vos cre, & ama. *Neque enim quero intelligere, ut credam, sed credo ut intelligam*: porque eu não quero entender para crer, senão crer para entender.

De sorte que aquillo que he impenetravel ao entendimento entendendo, he certo, & verdadeyro ao coração crendo, & amando: *quam credit, & amat cor meum*. A *Fee*, & a *Charidade* são duas virtudes ambas sem vista: a *Fee* he cega de nascimento, a *Charidade* he cega por fineza: a *Fee* he cega, porque não tem olhos; a *Charidade*, porque os escuza: a *Fee* se tivera vista deyxara de ser *Fee*, o amor ainda que não veja, não deyxara de amar: & com isto ser assim, à alma com a vista da razão he impenetravel o Mysterio da Sãtissima Trindade, & à mesma alma com a cegueyra da *Fee*, & da *Charidade*, he certo, & infallivel o mesmo Mysterio.

De dous cegos disse Christo Senhor nosso, que se hum guiasse ao outro, sem duvida ambos cahirão despenhados. *Num quid potest cecus cecum ducere? nonne ambo in foveam cadunt?* Porém a *Fee*, & a *Charidade* são dous cegos, que se ajudaão, & guião hum a outro, & a mbos ao entendimento; & tão longe està de o despenharem, que antes lhe servem de ligeyras azas com que húa a outra, & ambas ao coração ajudaão a voar ouzadamente, & a penetrar este altissimo Mysterio, q' a' sim co' no està escõddido entre as trevas de sua imbecilla luz: *Posuit tenebras latibulum suum*: assim se deyxara somente penetrar de húa luz, que juntamente he escuridade, & de húa vista que junta nente he cegueyra.

Lu. 16. 31.

Ps. 137.  
L.



qual he a luz, & a vista da Fee, & da Charidade.

Naquelle myfteriozo Tabernaculo, que Deos mandou fazer a Moyzès estava a Arca do Testamento dentro da qual se occultava o Mannà, a Vara, & as Taboas da Ley: Cobriaſſe a Arca com o Propiciatorio, & aos lados delle estavaõ dous Cherubins fabricados de ouro puriffimo batido ao martelo, & nascidos do meſmo Ouro de que era formado o Propiciatorio: *Duos quoque Cherubim aureos, & productiles facies, extraque parte oraculi:* Estavaõ estes Cherubins com as azas eſtendidas, como em acto de voar, com as quaes cobriaõ o Propiciatorio: *Utrumque latus propiciatorij tegant, expandentes alas, & operientes oraculum.* E finalmente estavaõ pôſtos de maneyra, que hum olhava para o outro, & ambos com a face voltada para o meſmo Propiciatorio que encobriaõ: *Respiciantque ſe mutuo verſis vultibus in Propiciatorium.*

*Exod. 15.  
18.*

*Ibid. 20.  
20.*

Notavel modo de occultar o que na Arca ſe continha, & notavel parte a em q̄ estavaõ os Cherubins! Os Cherubins cobriaõ cõ as azas a Arca do Testamento, a Arca occultava dentro em ſi o Mannà, a Vara, & as Taboas da Ley: & a Vara, a Ley, & o Mannà occultavaõ em ſi com mais eſcõdido recato outros myſterios: & neſte tão recondito enigma, os Cherubins, que ſe interpetraõ ſabedoria, estavaõ com os olhos voltados para o Oraculo, & olhando hum para o outro. Mas ſe elles meſmos encobriaõ com as azas a Arca: *Expandentes alas, & operientes oraculum:* para q̄

estavaõ com a face voltada para ella? E se estavaõ cõ os rostos voltados para a Arca: *Versis vultibus in propiciatorium*; como olhavaõ só para si mesmos hum para outro, *Respiciantque se mutuó*? Os rostos de ambos no Propiciatorio, & os olhos de cada hum só para o outro?

Naõ digo que o Mysterio de rantos mysterios era figura do que hoje vejo celebrar neste Templo; mas digo que vejo grande semelhança entre aquelle Mysterio, & a celebridade deste dia. Que couza são, ou que couza devê ser os Sacerdotes, que chegaõ àquelle Altar, senão huns Cherubins, que no Templo assistê mais immediatos ao *Sancta sanctorum*? Anjos pela vida decente atão alto estado, que deve ser Angelica: de ouro, naõ pela riqueza do metal ( pois os que neste Templo se ajuntaõ são nomeados com o titulo de pobres) mas pela pureza dos corações, & dos pensamentos, que devem estar livres de toda a liga, & fezes terrenas: & ouro batido com a mortificação.

E que couza he o Mysterio altissimo da Santissima Trindade, que Christo hoje quiz que se prégasse pelo mundo todo, em comendando-o a huns pobres Sacerdotes, quaes eraõ os Apostolos, unidos cõ a *Charidade* de Irmãos ( assim como hoje se unem como Irmãos de *Charidade*.) Que outra couza he este Mysterio senão o que na Arca se occultava em figura: Na vara occulto, & significado o Poder, que se attribue ao *Pater*; n Mannã occulto, & significado o verdadeyro Mannã

que desce do Ceo, o Verbo Eterno; na Ley occulto, &  
significado o Divino Spirito com cujo dedo se escreveo  
nas taboas dos nossos corações a ley da graça: & na  
Arca (que todas estas tres couzas encerrava juntas, &  
divididas) occulta, & signficada a Essensia Divina  
com a qual se identificaõ com unidade estas tres Pes-  
soas, que subsistem com divizaõ de suppostos.

E que couza he a Fee, & a Charidade senão duas a-  
tas tambem de Ouro, com as quaes estes Cherubins  
com fôrma de homens, ou homens com obrigações de  
Cherubins, devem estar sempre voando, & cobrindo  
este incomprehenfivel Oraculo da Divindade. Voan-  
do pela contemplação: cobrindo, porque o objecto da  
Fee he necessario que não se veja, & o objecto da Cha-  
ridade não he necessario que seja visto. Hão de voltar  
para o Oraculo os rostros, mas não os olhos. Os ros-  
tros voltados para o Oraculo; porque para elle haõ-  
de ser as nossas attenções; mas os olhos desviados,  
porque o coração que para là inclina, guia a ouzadia  
dos seus voos cõ a cegueyra da Fee, & do Amor. *Quam  
credit, & amat cor meum*: mostrando que em tão alto  
Mysterio alcança mais quem pertende ver menos.  
Somente olhaõ hum para o outro, provocandosse em  
reciproca correspondencia à admiração, & confissão  
do que adoraõ; & animandosse em ambos a Fee, & a  
Charidade para remontar os voos. *Debent dicti Cheru-  
binus se mutuo respicere. & alteruti æ assertionis consonantiam  
per omnia conservare*, disse Ricardo Victorino.

E que he o que affirmão, & confessaõ estes Cherubins em reciproca consonancia? Admiravelmente o mesmo Ricardo. *Sic ab uno fiat confessio unitatis, ne in eo evacuetur assertio Trinitatis.* Em alternados chóros, hũ affirmam que Deos he hum, em outro responde a affirmação que Deos he *Trino*. Isto affirmam em ambos a *Fee*, & isto confirma, & persuade em ambos a *Charidade*, que a esta altura chegaõ aquellas azas de ouro com os voos, posto que della lhe desvie a admiração os olhos: *Respiciantque se mutuò versis vultibus in propiciatorum.* Vejamos pois o que a *Fee* affirmam, & depois veremos o que confirma a *Charidade*, que he circumstancia muito propria, & particular deste dia.

§. II.

**A**FFIRMA pois, & confessa a nossa *Fee* com maior certeza do que se o viraõ os olhos que Deos sendo Infinito, & simplicissimo, Independente, & Eterno: perfeitissimo muito mais do que a lingua pôde explicar, porque he ineffavel, & mais do que pôde o entendimento conceber, porque he incomprehensivel, sendo elle sò o que a si se comprehende; assim como he Eterno, & sem principio, assim *ab aeterno*, & sem principio se conhece a si mesmo; comprehendendo, & entendendo sua perfeição natural, humana, & increada: E neste acto de entendimento em que se conhece a si mesmo gera hũa Imagem perfeitissima

de sua substancia, indistinta da mesma essencia de Deos. E assim a Pessoa que gera esta Imagem substancial he o Eterno *Padre*, & essa mesma Imagem gerada, ou esse termo do mesmo acto de entendimento com que o Eterno *Padre* se conhece, he a Pessoa Unigenita do *Filho*. E porque o que he infinitamente bom, he tambem infinitamente amavel, sendo estas duas Pessoas infinitamente perfeytas, & iguaes, se amaõ reciprocamente; & comprazendo-se de seu *Amor*, produzem, & espiraõ hum *Amor* tambem infinito, & Eterno; & este *Amor* he a terceira Pessoa o *Spirito Santo*. De tal sorte que a pessoa do *Padre*, & a Pessoa do *Filho*, & a Pessoa do *Spirito Santo* em quanto Pessoas saõ tres, & hũa naõ he outra: mas todas tres saõ hũa só essencia, hũa sò natureza, & hum só Deos.

Isto diz a nossa *Fee*, & isto naõ alcançaõ os olhos da razãõ, ainda que o entendimento seja Angelico. Porque naõ póde conceber a razãõ de que modo hũa unidade senãõ distinga de tres em numero, & tres em numero sejaõ hũa só unidade: & a *Fee* alcança que a Essencia Divina sendo hũa, he indistinta de tres Pessoas, & que as Pessoas sendo tres em numero, naõ se distinguem da natureza que he hũa só. Naõ cabe na razãõ que a unidade possa ser numero sem se multiplicar, nem que o numero possa ser unidade sem se diminuir: & a *Fee* afirma que a unidade da Essencia Divina sem se multiplicar està em tres Pessoas, & que o numero de tres Pessoas sem se diminuir se reduz sem

implicancia à unidade de hũa natureza.

E da qui parece se segue outra contradicção em que tropeça o entendimento, & ve na ser, que hum não he hum só, & muitos não são muitos; porque hum Deos não he hum só supposto, & muitos suppostos não são muitos Deoses. Hum val tanto como tres, & tres não valem mais que hum; porque todas as tres Pessoas são igualmente perfeytas que hũa só. Admiravel, & discreta mente S. Bernardo. *Quid sibi vultiste, (ut sic loquar) absque numero numerus? Quem hade entender este numero, que não he numero? Si tria, quomodo non numerus? Si unum, ubi numerus? Se são tres, como não he numero senão unidade? E se he unidade onde está o numero de tres? Quis numerum negat? nam verè tres sunt. Quis numeret tamen? nam verè unum sunt.* Se quizeres negar o numero, achareys verdadeyramente tres: & se quizeres contar por numero, achareys có a mesma verdade hum só.

D Bernard.  
lib. 5 de con-  
sid.

Muitas graças vos dou Omnipotente, & incomprehensivel Deos Trino, & Vno, pois fostes servido uzar com nósco de tanta liberalidade, que aquelles ao parecer do toscó entendimento impossiveys, que desde a eternidade tinheys guardado em vossó peyto secretissimo, vos dignaceys de os communicar a nós vilissimas creaturas feytas do nada, para gofarem hũa tão alta noticia daquillo que he tudo. Muitas graças vos dou de que nos fizeceys tão ditosós, que achasse certeza em a nossa *Fee* o que não achava possibilida-

de em o noſſo entendimento. Não foreys vós Deos infinito, ſenaõ foreys infinitamente mais do que o noſſo limitado diſcurſo pôde entender. Gozo-me Deos meu de que ſejaes tal, q̄ em vós ſeja natureza, & Eſſencia aquillo que para os entendimentos dos Seraphins ſeria impossibilidade ſe vós lho não ruvela- ceys. Alegrome de que tantas almas fieis creyão cõ firmeza a voſſa palavra, a qual hoje nos mandastes ensinar por voſſos Apoſtolos. *Docete omnes gentes baptiſantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti*: pela qual tantos, & tão innumeraveys Martyres deſſem constantemente a vida; & que tantos eſtejão promp- tos para dar milhões de vidas, cativando a luz do en- tendimento em obzequio da voſſa Fee. Eſtimo, Se- ãhor, a ignorancia do noſſo entendimento para vos ſa- crificar a certeza do que creyo, ſem embargo das du- vidias que não alcanço: ſe bẽ reconheço que vos não faz grande ſerviço em crer o que vós dicteſtes, ainda que o não entenda, quem não entende o meſmo que eſta vendo com os olhos.

Muitas vezes me queyxa eu de q̄ fizeffe Deos as obras da natureza para objecto do entendimento humano, & para exercicio da ſua ſciencia, & que lhe occultaffe de maneyra as cauzaſ, que os homens não podeſſem perceberas. Isto nos deyxou expreſſo o Spi- rito Santo por boca de Salamão. *Cuncta fecit bona in- tempore ſuo, & mundum tradidit diſputationi eorum, ut non inveniatur homo opus, quod operatus eſt Deus ab initio uſque ad*

*Eccleſ. 3.  
11.*

*finem.* E parecia-me que a queyxa era bem fundada: porque senão havíamos perceber as cauzas naturaes para que era dahnos a occupação, & fadiga de as inquirir? E se havíamos de ter esta cansada occupação, para que era occultalas tanto ao nosso entendimento, que não podesse percebelas? *Ut non inveniat homo quod operatus est Deus.* Mas agora vejo, que esta que nos homens he ignorancia, foy em Deos Providencia. Ignorem os homens o mesmo que estão vendo com os olhos, para que não duvidem dar credito com a *Fee* ao que não entendem com a razão. Se o nosso entendimento alcançara todas as cauzas do que vê, prezumi-  
ra tanto da sua capacidade, que duvidara crer o que não entendesse: logo que serviço tão exorbitante faz a Deos o homem em crer o que elle disse, posto que a razão o não alcance, senão alcança o mesmo que vê. He se n razão medir a grandeza ineffavel do Creator pela disputa dos discursos das creaturas, quando esse mesmo discurso disputando não sabe a composiçam de hũa formiga: antes por isso mesmo a não sabe, porque a disputa: *Mun tunc tradidit disputationi eorum ut non inveniat homo quod operatus est Deus.*

São Paulo disse que fizera Deos as couzas creadas, & viziveys, para que entendendoas o nosso juizo viesse em conhecimento das increadas, & inviziveys. *Invisibilia enim ipsius, à creatura mundi, per ea que facta sunt, intellecta, conspiciuntur:* Mas assim como as couzas creadas, & viziveys bem entendidas nos levão ao conheci-  
mento



quanto da Omnipotencia, & Bondade do Creador que  
as fez: affirm effas mesmas couzas não entendidas, nos  
facilitão a *Fee* de que o feu Autor he incomprehensi-  
vel, & incomprehensiveys os feus Myfterios. Cre-  
mos o que vemos com os olhos sem o entender, &  
não creremos o que diz o mesmo Deos, ainda que o  
não vejamos, nem entendamos? São a cazo os nossos  
olhos testemunhas mais fidedignas que a palavra de  
Deos que fez effes olhos? Pois se o entendimento so-  
fre não saber o que vê; porque não soffrerà crer o que  
não entende; ou porque não crerà para entender? *Non  
mim quero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam.*

Creemos, Senhor, o altissimo Myfterio de vossa  
sacro-santa *Trindade*, & esperamos de o entender com  
vista clara de vossa face. Esta esperança nos alivia  
de consolação de nossas ignoroncias; porque pouco  
importa que ignore agora tudo quem espera vervos,  
& conhecervos a vós que sois tudo.

### §. III.

**A**NIMOZA he a nossa *Fee*, no que cre, & no  
que affirma: *Animosa firmat fides* disse S. Tho-  
mas; pois remonta os voos a sphaera tão supperior, sem  
que a embarace a sua cegueyra; mas hoje mais animo-  
za que nunca; porque se ajuda tambem das azas da  
*verdade*, a qual não só affirma, mas confirma, & per-  
tence com a razão aquillo mesmo que a nossa *Fee* tem

assegurado com certeza. Diz pois a *Charidade* ajudando a nossa *Fee* neste *Mysterio*.

Deos he infinita, & perfeytissimamente Bom com summa plenitud de Bondade; porque se assim não fora, nem seria Deos, nem seria Infinito: não seria Deos, porque lhe faltara a primeyra propriedade do ser, q̄ he a Bondade: não seria Infinito, porque não he infinito aquillo a que falta algũa perfeysão. Logo não lhe pôde faltar à sua Bondade infinita a perfeysão da summa *Charidade*; porque como disse S. Dionyzio Areopagita a *Charidade* nenhũa outra couza he senão hum movimento circular, & eterno do bom para o bom por amor do bom. *Amor est circulus æternus propter bonum, ex bono, in bonum, & ad bonum in nonerrante revolutione circum ambulans:* & como explica S. Thomaz a *Charidade* tem por cauza o bem, tem por objecto o bem, tem por fim o bem, & tem firmeza, & perseverança no mesmo bem, & por isso onde a Bondade he summa, ha de haver hũa summa *Charidade*; & por consequencia Deos não so tem, mas he a mesma *Charidade*, como disse S. Ioaõ *Deus Caritas est. Sed sic est* que a natureza da *Charidade*, & da Bondade pertence que a pessoa que he summo bem cõmunique a sua perfeysão; porque o bom naturalmente se diffunde, & comunica, & a *Charidade* perfeyta diz ordem a outrem, qual seja objecto dessa mesma *Charidade*, & parte daquelle circulo: *Minus quàm inter duos Caritas haberi non potest:* logo por força da *Charidade* summa hade haver

S. Dion. Ar.  
cap. de Tr.  
7. in. non  
C. 17. 4.  
D. Thom.  
1. 2. 1. 1. in  
C. 17. 4. de Di.  
vit. non.  
Amor est ex  
bono in in  
ex causa:  
propter bo.  
non sicut  
obj. sum.  
in bono per  
se, & ad  
bonum  
conspun.  
dit tendens.

1. 2. 1. 1. 4.  
16

D. Dion.  
1. 2. 1. 1. in  
C. 17. 4. de  
Tr. 1. 1. 1.  
16. 1. 1.

em Deos, sendo hum na substancia, muitas Pessoas in-  
finitas, summas, & iguaes entre as quaes a *Charidade*  
tem ordem, & a summa Bondade faça o seu circulo  
eterno, assim como he eterna a mesma *Charidade*, & o  
mesmo Bem. Para mayor clareza desta Theologia,  
que he de Ricardo Victorino, façamos, como ensina  
S. Paulo, degraõ das couzas visiveys para as invisí-  
veys.

Creou Deos em tempo esta grande maquina do u-  
niverso, & nella tantas, & tão fermozas creaturas, co-  
mo vemos, & refere o Texto do Genezis: todas orde-  
nadas para serviço do homem, & ultimamente creou  
o mesmo homê, & a tudo deo o ser, & adornou com a  
perfeyção conveniente. Mas se Deos era *abaterno*, &  
em si tinha a perfeyção de todo o ser, & não necessita-  
va de nada, nem havia mister outra companhia de sua  
gloria, nem outras testemunhas de sua grandeza mais  
que a si mesmo, para que ordenaria hũa tão grande o-  
bra? E se a ordenava para os homens, melhor, parece,  
seria não fazer os mesmos homens, do que arrepen-  
derse de os haver feyto, como ao depois disse quando  
os castigou cõ o diluvio: *Penitet enim me fecisse hominẽ*; Genes. 6. 7.  
porq̃ delles a mayor parte o havia desconhecer idola-  
trando, & a outra parte o havia desprezar peccando.  
Para que foy logo a creação do mundo, & a dos  
homens? Excellentemente o mesmo São Diony-  
sio. *Ipse omnium causa propter bonitatis excessum cuncta a-*  
*ma, & facit: ipse enim amor non dimisit ipsum sine germine in*

S. Dion.  
Arcop. de  
Div. nom.  
Cap. 4.

*se ipſo manere.* O meſmo Deos, diz a Santo, que he a cauza de todas as couzas, todas faz, & ama, porque he Bom: & o meſmo Amor não podia conſentir, que o ſummo bem ficaffe em ſi meſmo ſem produzir eſtes como ramos daquelle tronco donde nasce todo o bẽ.

De forte que a cauza da producção das couzas foy, porque à eſſencia da Bondade, & do Amor pertẽſia o communicarſe: & o meſmo Texto o dà a entender; porque em cada hũa das obras declara que a fez Deos, & que era boa: *Vidit Deus quòd eſſet bonum: & vendo todas juntas diz que todas eraõ boas: Viditque Deus cuncta quæ fecerat, & erant valde bona.* Todas fez, porque todas eraõ boas, ou todas eraõ boas, porque Deos as fez, que he a meſma Bondade: & quem incitou a Bondade a que ſe cõmunicaffe foy o Amor Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas. Andava o Amor inquieto, como ſenaõ deſcançaſſe a Charidade de Deos em quanto ſenaõ cõmunicava às creaturas, & fõ entãõ deſcançou quando entre ellas ſahio a mais perfeyta, que era o homẽ imagem da Santiffima Trindade, nacido para amar, & para ſer amado. Entãõ deſcançou, ou deſcãçou por entãõ. *Requievit ab univerſo opere quòd patrarat.*

Pois ſe os effeytos da Charidade a dextra ſaõ eſtes: ſenaõ deſcança a Charidade em Deos em quanto não ſe cõmunicava a ſua Bondade a hũa imagem ſua tão pequena, como he o homẽ; ſegueſſe que a Charidade ſumma, & infinita que Deos tem admitta tambẽ em pe-

de que haja comunicação infinita de toda a Bõdade, de toda a perfeição a outra Pessoa que seja Imagem perfectissima do mesmo Deos; porque essa *Charidade* infinita não se podia ordenar toda a pessoa creada, q̄ isso seria dezordem. Seria dezordem, porque a pessoa creada era em tempo, & a *Charidade* em Deos he eterna; seria dezordem, porque a pessoa creada não merecia *Amor* infinito; & seria enfim dezordem, porque por isso mesmo, que era pessoa creada não podia ter a comunicação, & igualdade, que pedia hũa *Charidade* infinita: Logo para que a *Charidade ad intra* tivesse ordem, era necessario que ab eterno houvesse outra Pessoa a qual fosse igualmente perfectya igualmente boa, igualmente infinita, qual he o Verbo Eterno. E para que este conhecimẽto seja mais claro, subamos outro degrão pella *Charidade* que Deos nos tem a nõs.

Naõ contente o Amor Divino com darnos o ser, & com comunicarnos a sua Imagẽ, depois que o homem a perdeu pelo peccado, sobio mais de ponto a sua *Charidade*, & executando a Encarnação fez que o Verbo Eterno unindo a si a natureza humana se fizesse homem. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* Sabeys, diz São Joaõ, qual he a grãdeza da *Charidade* de Deos para com nõsco, que não se contentou o seu *Amor* com comunicar aos homens menos q̄ o Verbo Eterno. Aquelle *Sic dilexit* he significativo de hum *Amor* vehemente. *Amoris significat vehementiam* disse São Joaõ Chrizostomo. E a vehemencia,

mencia, & grandeza da Charidade provasse pelo excesso da comunicação, & pela igualdade q̄ essa mesma comunicação cauza: E como Deos fazendosse hum, meim comunicou à natureza humana a Divindade, & a sobio à ponto tão alto, que pareceo no homé igualdade, & em Deos diminuição: esses effeytos s̄o os cauza hum Amor vehemente: *Amoris significat vehemētiam*, & hũa Charidade demaziada, como lhe chama S. Paulo com mayor emphazi: *Propternimiam Charitatē suam qua dilexit nos Deus*. Demaziada, porque ordenada aos servos, demaziada, porque empregada em ingratos, & demaziada, porque dirigida à vileza da natureza humana.

1.º Cor. 1.º off.

Ephe. 2.º 4.

E se esta comunicação faz a Charidade demaziada, a Charidade infinita que fará? A demaziada faz que a natureza Divina cõmunique a sua soberania à humana; a Charidade infinita faz que se cõmunique a infinitude de hũa Pessoa Divina a outra tambem Divina: a Charidade demaziada une duas naturezas em hũa Pessoa, a infinita identifica muitas Pessoas em hũa natureza: a Charidade demaziada para cõmunicarse toda a outra natureza, une duas naturezas na unidade da Pessoa: a Charidade infinita divide muitas Pessoas na unidade de hũa s̄o natureza.

Deiçamos agora da Charidade de Deos à dos homens. Examinou Deos em hũa ocazião o amor de S. Agostinho, (segundo se refere vulgarmente, que me não pertense agora averiguar o ponto,) & preguntou-

lhe que grandeza era a do amor que lhe tinha: & ainda que o Santo encareceo hũa, & duas vezes por varios modos o grande amor com que amava a Deos; não contente com tudo o mesmo Deos com as primeyras repostas, lhe pregütou terseyra vez se o amava mais; & o Santo fazendo o ultimo esforço para se explicar, & encarecer o seu amor, disse. Amovos, Senhor, de maneeyra, que se eu fora Deos, & vòs foreys Agostinho, trocara com vosco, para que vòs fosseys Deos, como sois, & eu Agostinho, como sou. *Si Deus, effem, ut tu es, & tu Augustinus, ut ego sum, tecum dignitatem meam commutarem, ut esses Deus sicut es, & ego Augustinus, ut sum.* Entendeo o Santo que aprova mais evidente da *Charidade* extrema era cõunicar tudo o que tinha, ainda que o perdesse, & assim disse, que amava tãto, que cõmunicaria a Deos o ser Deos, posto que elle deixasse de o ser.

Pois se no entendimento de hum homem cabe hũ tal effeyto de *Charidade*, que queyra dar a outrem a infinidade de Deos se a tivera; na infinita *Charidade* de Deos como não havia de haver outra Pessoa tambem infinita, & tambem Deos, a quem essa *Charidade* se ordenasse. O entendimento de Agostinho, olhando para o seu amor, sahio com hum conceyto impossivel de dar a Deos o ser Deos amando elle como homẽ: pois o entendimento de Deos conhecendo a sua *Charidade*, que he o seu mesmo ser infinito, como não havia de formar hum conceyto de si mesmo pello qual gerasse

outra Pessoa, que fosse tambem Deos à qual a sua *Charidade* se ordenasse.

Enfim que Deos he *Charidade* infinita. *Deus Caritas est*: Conhecendosse, gera por entendimento hũa Imagem perfeytissima de si mesmo, & por isso termo, & objecto digno desse infinito *Amor*; mas porque à *Charidade* pertense a reciproca correspondencia, & complacencia produzida desse mesmo *Amor*: seguesse que entre estas duas Pessoas hade haver este *Amor* reciproco, & hũa complacencia mutua tambem infinita; porque tudo he infinito em Deos. A *Charidade* no *Pay* diz ordem ao *Filho*, que gerou: o *Filho* gerado, como he Imagem substancial dessa mesma *Charidade*, ama com *Charidade* infinita ao mesmo *Pay*: & este *Amor* reciproco, esta complacencia mutua com que o *Pay* se goza do *Amor* do *Filho*, & o *Filho* do *Amor* do *Pay*, spirando hũa complacencia, & suavidade summa, produzem hum a *cto* de *Amor*, que he o *Spirito Santo*, tereyra Pessoa, mas o mesmo Deos; nexo, & vinculo indissoluel da Santissima *Trindade*; como diz S. Agostinho. *Nexus Patris, & Filij*.

Parecevos impossivel de perceber esta Ordem da *Charidade*? Assim serà senão tendes *Charidade*, que se a tiveres tudo haveys de crer; porque como disse Sam Paulo a *Charidade* tudo cre: *Charitas omnia credit*. E se creres com *Charidade*, tudo comprehendereys radicados neste fundamento, como diz o mesmo Apoloſtolo.

*In charitate radicati, & fundati, ut possitis comprehendere cū omnibus*



*omnibus Sanctis, que sit latitudo, & longitudo, & sublimitas, & profundum. Scire etiam super eminentem scientie Charitatem.* Ao menos aprendey de hum Gêntio, q̄ definindo a amizade disse: *Amicus est alter ego*: O amigo he outro, eu. *Outro*, & eu, parece contradicção mas onde a amizade he summa, he condição necessaria. *Outro*, porque affirmo pedé a ordem da *Charidade*: *Eu*, porque affirmo pedé a união da mesma *Charidade*: *Outro*, parará quem ame: *Eu* por isso mesmo que amo: *Outro*, por objecto da *Charidade*: *Eu*, por effeyto da mesma *Charidade*: *Outro*, na distincção da pessoa: *Eu*, na união da amizade: E isto que exprimio em hum Gêntio o affecto, faz a *Charidade* em Deos com effeyto. Ha em Deos o *Amante* o *Amado*, & o *Amor*. Ha *Eu*, & *Outro*, & *amizade*. Ha o *Pay*, que he amante, & amado do *Filho*; ha o *Filho*, que he amante, & amado do *Pay*; & ha o mesmo *Amor* entre o *Pay*, & o *Filho*, que he o *Spirito Sãto*. Nas Pessoas ha *Outro Alter*; na substancia ha *Eu*, *Eu*, o *Eu* somente, tira a ordem à *Charidade*: *Outro* somente, tira o vinculo ao *Amor*: mas no *Ego*, & *Alter* té *Charidade* ordem, & união: tem ordem, porque ama *outro*, tem união, porque esse *outro* he o mesmo.

Oh *Charidade* infinita como és forte, & como és eficaz! Como és forte em unir, & como és eficaz em unificar! unes, ou identificas em unidade o numero, & unides o numero em unidade. Oh Deos immenso, & incomprehensivel! Quem me dera hira faísca deste brazado fogo para poder alcançar a altura, & a pro-

Anselm. cap  
15. Mono-  
log'j.

fundidade de voffo immenfo fer. Vòs fois fummo fer, & a fumma Effencia: vòs fois ( como diz voffo feryo Anfelmo ) a fumma vida , a fumma ração , a fumma justiça, & a fumma Mizericordia, fumma Bondade, & fumma verdade , fumma Sabedoria , & fumma Grandeza, fumma Fermozeria, Immortal, Incorruptivel, Immutavel, Immenfo, Eterno, Omnipotente, Súma Bemaventurança, & fumma Unidade de Effencia entres Peffoas diftinctas. Sédo Immudavel tudo mudaes có hũ aceno. Sépre obrando, & fempre em quietação bêaventurada. A mais fem dezafoffego : irayf vos fem alteração: cópadeceyvos fem dor : tudo mudaes có Providencia , mas não fe mudaõ os Decretos della: tudo innovaes, & nada para vòs he novo: fois rico, & quereis a noffa pobreza, fem pobreza eftimaes de nòs algũ lucro: fem a vareza quereys uzuras: pagaes fe dever, & fazeyvos devedor do que nos pagaes: sépre days com liberalidade , & nunca perdeys o que days. A mais aos feryos como filhos : a mais a todos bons, & mãos : aos bons , porque o faõ ; aos mãos para que fejaõ bons. Oh quem amara efte Amor! Quem fe trãformara nefte *Charidade*.

Chariffimos Irmãos, fe nos intitulos *Clerigos pobres da Charidade*, sejamos aquillo que o nome fignifica. Efte Ordem, ou Irmandade da *Charidade* affim como tomou a protecção da Santiffima Trindade , affim tem nella o feu exemplar. Nefte altiffimo Myfterio vimos a *Charidade* fumma, & em ordem perfeyiffima.

A este exemplar quiz, & pedio Christo a seu Eterno  
Padre que nos conformasse nos: pedindolhe, que  
assim como elle era hum com seu Eterno Padre, assim  
nos fossemos nós com elle, & entre nós: *Vt omnes unum* Iean 17. 21.  
*sint, sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum*  
*sint.* A Charidade em Deos diz ordem de Pessoas, uni-  
dade de Essencia, & unidade de vontade. A esta seme-  
lhança hade ser a ordem da nossa Charidade. Hade ser  
ordenada, porque he entre muitos, & hade dar unida-  
de, porque elles muitos a Charidade os hade unir em hũ

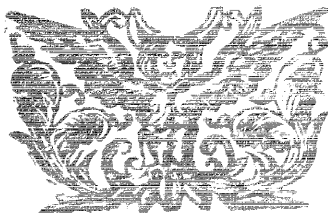
Em Deos ha unidade, em nós deve haver união.  
Em Deos ha unidade em effeyto, em nós deve haver  
união por affecto. A ordem da Charidade em Deos he  
amar summamente, porque he Bom, & porque he bõ  
ser summaméte amado: & depois amarnos a nós mais  
do que merecemos, para que o amemos menos do que  
elle merece, porque tanto como Deos merece não ca-  
be em o nosso amor. A ordem da Charidade em nós ha-  
de ser amar a Deos primeyro que a tudo, mais que a  
tudo, todos, totalmente, em todo o tempo: depois a-  
marnos a nós para elle: em terseyro lugar amar aos  
outros como a nós. Esta he a ordem da Charidade de q̃  
falla a Esposa no Capitulo 2. dos Ganticos de Sala-  
nao: *Ordinavit in me Charitatem*: Ordenou em mim a  
Charidade, & logo acresceta *Dilectus meus mihi, & ego illi*. Cont. 2. 4.  
Ibid. X. 16.  
Deos amanos a nós, & nós havemos de amar a Deos:  
Deos quernos a nós para si, & nós nos havemos de que-  
rer para elle, a nós, & huns a outros; & principalmen-

Del Rio in  
Cant. cap. 2.  
Sec. 3. pag.  
mibi 107.

te os que se a listão nesta insigne, & illuire Irmandade, & debayxo desta bandeyra da *Charidade*; porq̃ onde a nossa vulgata diz *Ordinavit in me charitatem*. Comenta hum grave Expositor da Companhia: *Statuit me sub vexillo charitatis, jussit me in hoc ordine militare*. Alitome debayxo da bandeyra, & nome da *Charidade*. Isto mesmo de alistar o nome inculca a obrigação.

Outra versão diz *Ordinavit cōtra me Charitatem*. Ordenou contra mim a *Charidade*. Queyra Deos que esta Ordem da *Charidade* não seja algum dia cōtra nós. As ordens mais apertadas, que se passão aos que se a listão nesta bandeyra, são as que dicta a *Charidade* bem ordenada. Se dezordenarmos o nosso amor para com Deos, & para com o proximo, a ordem da *Charidade* feraõ ordens, que se passẽem contra nós. Sigamos pois a *Charidade*, & seja a nossa competencia sobre as obras della: *Seclaminū charitatem* (diz São Paulo) *A nihil nisi spiritualia*. Façamos com a *Charidade* firme a nossa fé para q̃ assim como agora cremos, & amamos a Deus *Tūo, & uno*, assim depois o amemos, & legemos a Bemaventurança. Amen.

## LAUS DEO.



Reconhecimento do muito que devo a V.  
S. que Deos guarde os muitos annos  
que dezejo, & peço. Lisboa 13. de Ju-  
lho de 1691.

*Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor.*

Beja as mãos de V. S. seu menor Capellaõ.

SEBASTIAO DE MATTOS DE SOUZA.

[✠ iij]


EMI-



## EMINENTISSIMO SENHOR

**V**io Sermaó da Santissima Trindade, que na festa dos Clerigos pobres da Irmãdade intitulado da Charidade prégou o Doutor Sebastião de Mattos de Souza, & não achei nelle couza, em que se vê por offendida a fé, nem por queyrozos os bõs costumes; antes húa, & outros por muy satisfeytos; pois com sotil, & discreto estylo, fundado na verdade solidada Theologia, & ajustado ao sentir dos Santos Padres, & expolitores segue neste Sermaó seu Autor doutissimamente o assumpto, exornando-o com concyptos muy subidos, aclarando-os com locuções muy proprias, & palavras muy significativas, & postas em seu lugar, & logo mostra ser parto de hum feliz engenheiro. O Sermaó me parece dignissimo de estimaçãõ & commum aplauzo, & por isso da imprenta, pello que em si he, & por de quem he. Vossa Eminenciã mandará o que for servido. Lisboa Trindade em 15 de Novembro de 1691.

*O Doutor Frey Ioão Ribeyro.*



L I com attensam o Sermaõ da Sãtissima Trin-  
dade, pregado no Hõspital Real desta Cidade  
a festa dos Clerigos pobres da Charidade pello  
Doutor Sebastião de Mattos de Souza; nelle não a-  
ney couza cõtra nossa sãnta fé, ou bons costumes; an-  
tes o recondito do Altissimo Mysterio da Santissima  
Trindade explicado com tanta certeza Theologica,  
ornado com tãõ altiloco estylo concionatorio, que  
milgo dignissimo de sair a luz com igual encomio de  
ambas estas sagradas faculdades. Vossa Eminência mã-  
ra o que for servido. Lisboa na casa de Saõ Roque  
da Cõpanhia de JESVS. 9. de Novembro de 1691.

*Domingos Leytaõ.*

LICEN.



## L I C E N C A S.

**V**istas as informações, pode-se imprimir o Sermão da Santíssima Trindade que na Igreja do Hospital Real desta Cidade, pregou o Doutor Sebastião de Mattos de Souza, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 11. de Dezembro de 1691.

*Pimenta. Castro. Foyos. Azevedo.*



**P**ode-se imprimir este Sermão, & depois tornará para se côferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 14. de Dezembro de 1691.

*Serraõ.*



**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Meza para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 15. de Dezembro de 1691.

*Mello P. Roxas. Lamprea. Marchão.  
Azevedo. Ribeiro.*